

T RADIÇÃO ORAL

Contos de Mãe Beata de Yemonjá: Tradição Oral no Candomblé

Por André Sampaio

Mestrando em Letras pela Universidade Federal Fluminense
E-mail: andresampaio2000@yahoo.com.br



Mãe Beata de Yemonjá, autora de *Caroço de Dendê*, oferece aos leitores um conjunto de contos representativos da tradição oral africana no Brasil, ainda muito pouca documentada como literatura. Nessas pequenas narrativas, a autora apresenta histórias que foram transmitidas através das gerações de escravos nas senzalas do Brasil.

Mãe Beata de Yemonjá não se força a se distanciar daquilo que ela acredita para escrever. Pelo contrário, a autora só escreve porque vive todas as experiências retratadas nos contos, todos os dias. Sua vida é atribulada de afazeres ligados a religião e a luta por um lugar melhor dentro da sociedade. *Caroço de dendê* é um dos resultados desta luta, que leva para muitos leitores o cotidiano de uma mãe de santo e de seu terreiro de candomblé, a inda muito distante de muitos. Sua obra é composta por várias especificidades do povo brasileiro e por isso carrega uma riqueza impar em cada conto.

Os assuntos tratados nos contos são variados: costumes das comunidades africanas, histórias de divindades e personagens ancestrais, fábulas, apólogos com

animais, histórias de natureza religiosa em geral.

A tradição oral ainda é um assunto pouco debatido dentro dos estudos literários do nosso país. Propor uma discussão acerca desse assunto possibilita difundir a produção literária de origem afro-brasileira e, além disso, discutir os alicerces da literatura, já que toda a literatura clássica que conhecemos, antes de ter o formato escrito, impresso, era, antes de mais nada, fruto da tradição oral. Por isso a pertinência dessa breve conversa, que visa a buscar, na tradição afro-brasileira, material de cunho literário, como a obra de Mãe Beata de Yemonjá e, com isso, conhecer um pouco melhor a cultura que, entre outras, participou e participa na construção da nossa identidade nacional.

Beatriz Moreira Costa, mais conhecida como Mãe Baeta de Yemonjá, é fundadora do *Ilê Omi Oju Arô*, em Miguel Couto no Estado do Rio de Janeiro, que segue a tradição do Alaketo, da Bahia, uma das perpetuadoras da história oral do povo negro no Brasil. Além disso, uma escritora que busca na tradição africana e afro-brasileira fonte de inspiração para a criação dos seus contos, não só através de sua memória, mas também das experiências vividas por ela e de seus filhos-de-santo. *Caroço de Dendê* é uma compilação multicultural



que traz em sua composição a mistura de valores, conceitos e ideologias impregnados no povo brasileiro. Tanto no que concerne à religiosidade, como também ao cotidiano social e cultural brasileiro.

Ao lermos os contos nos deparamos com uma riqueza tanto nas suas estruturas morfossintáticas como no seu conteúdo simbólico. Isto é, as histórias oferecem um passeio instrutivo pelo mundo, a um tempo jovial e severo, de diferentes tradições africanas, mantidas no Brasil, sobretudo, pelo trabalho das sacerdotisas e das contadoras de histórias, matriarcas e guias espirituais de suas comunidades, como mãe Baeta de Yemonjá. O livro é composto por quarenta e três contos curtos que causam no leitor, a

cada leitura, uma reflexão. Entre mitos, fábulas e fenômenos religiosos como o sincretismo brasileiro, Mãe Baeta cria e transcreve os contos num linguajar de fácil assimilação, chegando perto da tradição dos contos clássicos infantis, isto é, os contos maravilhosos. O perfil dos contos se assemelha às antigas histórias que ouvíamos quando éramos crianças e é essa característica peculiar que faz dos contos de Mãe Beata de Yemonjá tão especiais, já que hoje, na modernidade não encontramos mais contos como os Contos de Grimm ou de La Fontaine.

Todos os ensinamentos do candomblé são passados oralmente pelos mais velhos. Não existe um livro contendo todas as informações necessárias de que um filho-de-santo necessita para se tornar um membro da comunidade, a experiência do mais velho é passada para o mais novo e assim sucessivamente. Sendo assim, ao lermos os contos de Mãe Beata, percebemos a presença de um narrador participante que interage com os personagens e indica para o leitor os caminhos a serem percorridos. Esse narrador traz de volta o papel do contador de histórias, que se perdeu nos moldes modernos da literatura de acordo com o autor Walter Benjamin, e até mesmo na nossa vida cotidiana, pois não há mais tempo para ouvir uma boa história. Mãe Beata viaja pelo mundo da fantasia misturando elementos reais e ficcionais, combinando sagas, mitos, adivinhas, ditados, casos-memoráveis e chistes, colocando-nos frente a frente com um mundo repleto de alegorias fantásticas, alegres e até mesmo, trágicas.

Os contos se dividem basicamente por assuntos que vão das fábulas até as relações entre homens e mulheres. Cada conto possui uma moral a ser descoberta pelo leitor no antigo molde “*qual é a moral da história?*”, intercalando contos mais divertidos com outros mais sérios e de cunho religioso. Porém, podemos encontrar, num mesmo conto, vários elementos distintos, como mitos iorubanos, sincretismo religioso brasileiro, a relação entre iyawo (iniciados) e orixás, entre outros.

Em contrapartida, alguns contos trazem uma temática central, como a relação entre o bem e o mal, a importância da mulher como detentora do axé (origem, é a raiz que vem dos antepassados) ou até mesmo dos deveres que são concernentes aos adeptos do candomblé, que buscam incansavelmente o axé (força vital, energia, princípio da vida, força sagrada) dos seus orixás.

Através de um olhar mais atento da obra, da autora e do seu espaço, podemos concluir que além de ser uma bela escritora, Mãe Baeta é uma experiente contadora de

histórias, já que dentro dos seus contos encontramos aquela característica agradável do contar de histórias, características que mostram a voz humana em relevo dentro dos textos. Seus contos apresentam um tom didático e a voz do narrador prevalece em todos eles, levando-nos para um encontro com o aquele narrador que perdeu seu espaço com o passar do tempo, que passa sua experiência através daquilo que ele narra. Mãe Beata, apesar de não se dar conta, atualiza o perfil do narrador clássico, pois devolve a ele as rédeas da narrativa.

Mãe Beata escreve como conta, trazendo para o interior das narrativas uma proximidade maior das personagens com os leitores, já que seu estilo se aproxima das tão famosas fábulas. Sua obra pode ser lida tanto por adultos quanto por crianças, pois as histórias contadas, sempre se valem de um elemento maravilhoso e uma lição que pode ou não ser aprendida.

Mãe Beata transita extraordinariamente entre culturas diversificadas e seus contos refletem esse percurso. Autores como Stuart Hall e Homi Bhabha, chamam esse fenômeno de tradução cultural. Diante das questões tratadas pelos autores, podemos concluir que Mãe Beata é uma escritora traduzida, que leva para a sua escritura elementos culturais brasileiros e africanos, abrangendo o hibridismo afro-brasileiro em toda a sua complexidade.

Os contos vão além de uma simples escritura, já que cada narrativa aborda um elemento cultural brasileiro distinto. Com o auxílio dos antropólogos Pierre Verger e Roger Bastide, concluí-se que a autora escreve de um lugar muito específico, o candomblé. Sendo assim, podemos dizer que *Caroço de dendê* é uma produção elaborada através da tradição oral, que Mãe Beata utiliza e tem contato em grande parte, por estar próxima de um terreiro de candomblé.

A cultura africana foi transmitida através da oralidade durante os séculos, até o próprio candomblé sobreviveu no Brasil através da oralidade. Mães e pais-de-santo passaram adiante toda a liturgia usando somente a voz. Até muito pouco tempo atrás, não havia livros que ensinassem uma cantiga, uma reza ou até mesmo como lidar com um orixá. Diante disso, o único meio de transmissão, utilizado pelos sacerdotes do candomblé era a oralidade. Hoje podemos achar alguns títulos que nos fornecem algumas informações, porém, *grosso modo*, pois os grandes ensinamentos só são transmitidos depois da iniciação e através, somente, da oralidade. Sendo assim,

concluimos que por ter sido criada envolta na tradição oral, Mãe Beata passou para o papel esse meio de transmissão de conhecimento, que elege a comunicação cotidiana, isto é, a língua falada, como mecanismo de construção ideológica, cultural e literária.

Caroço de Dendê, de Mãe Beata de Yemonjá oferece aos pesquisadores uma fonte enorme de conhecimentos e inquietações, tanto no que se refere à religião africana como também ao que se refere à tão estudada identidade nacional. Sua obra apresenta perspectivas que vão além da questão tratada por este texto e por isso deixamos sempre em aberto novas observações que levarão no futuro, a outras descobertas. No mais fica aqui uma pequena indicação de leitura que levará o leitor ao mundo da infância novamente, onde escutar uma boa história nunca era perda de tempo, ao contrário, sempre diminuía o caminho, rumo a tão sonhada e simples felicidade.